

TRIBUNA LIVRE



DANIELLE SANTOS DO NASCIMENTO

Economia criativa em alta

A pesar de a economia criativa ser tema de estudos há mais de 20 anos, é em um contexto de crise que o criativo ganha destaque.

Os olhares voltam-se para as novas ideias, novas soluções e novas formas de pensar e se expressar e isso não envolve só a arte e o lazer, mas também no pensamento de novas soluções e formas de interferir na realidade.

Para muitos, a economia criativa é um conceito amplo que ainda gera dúvidas em relação a sua definição. Porque envolve a necessidade de se mensurar o intangível. Como medir o valor de uma boa ideia? Como garantir que o aumento do criativo não é apenas uma subocupação gerada pela própria crise? Como as pessoas se preparam para entrar nestes segmentos? Elas estão no setor criativo porque não encontraram outros empregos?

É por essas e outras questões que os economistas cada vez mais discutem e pesquisam sobre a economia criativa. Mato Grosso do Sul já possui uma Superintendência de Economia Criativa, responsável pela criação do Plano Estadual de Economia Criativa.

Na Região Sul, as universidades são referências como centros de estudos, pesquisas e monitoramento de indicadores de economia criativa.

Em 2016, essa pauta apareceu com mais força no cenário capixaba. O Instituto Jones dos Santos Neves foi protagonista na publicação de um painel de indicadores sobre economia criativa. O documento é um marco e discute como esse conceito surgiu e como vem sendo tratado no Espírito Santo, comparando o conceito de economia criativa usado pela Secult com os conceitos usados em outras instituições de referência no País.

Hoje, segundo a Secult, a economia criativa possui sete segmentos: design, teatro (artes cênicas), artesanato, música, audiovisual, tecnologia da informação e do conhecimento, festas e celebrações, e gastronomia.

Em uma abordagem ampla in-

clui, ainda, publicidade, patrimônio e artes, editorial, e pesquisa e desenvolvimento.

E sua participação na economia não pode ser ignorada, como mostram alguns grandes números do estudo. A economia criativa representa 6% do Valor Adicionado Bruto do Espírito Santo, sendo gastronomia o segmento com maior destaque.

Em todo o Estado, há mais de 100 mil pessoas ocupadas na economia criativa (7,6% dos ocupados capixabas). Vitória, Vila Velha, Guarapari, Domingos Martins, João Neiva, Ibirapu e São Mateus são municípios que mais possuem maior participação de trabalhadores formais na economia criativa.

Esse movimento de aprofundamento da pesquisa sobre o tema é apropriado e necessário para o momento. O criativo não pode ser confundido como um ponto de fuga, ou seja, para onde as pessoas migram quando não há mais opção econômica ou como a área que se fortalece com a crise. O criativo se fortalece apesar da crise.

A centelha da criação tem grande potencial. Ela pode ser responsável por desencadear reais processos produtivos,

com ganhos positivos e com alto valor agregado. Conhecer a economia criativa é o primeiro passo.

Os passos seguintes envolvem os agentes econômicos - governo, empresas, institutos de pesquisa e economistas - em sintonia para que se delimite as áreas em que os recursos serão alocados. Monitorar, medir e avaliar constantemente os resultados é condição necessária para que a economia criativa cresça de forma saudável, agregando valor e criando redes de produção.

Danielle Nascimento é economista e vice-presidente do Conselho Regional de Economia do Espírito Santo (Corecon-ES)



Em todo o Estado, há mais de 100 mil pessoas ocupadas na economia criativa